

O P C A



Os critérios na escolha de pincéis

Free-lance para a Folha

Telas, tintas e pincéis interagem sob a "batuta" de artistas plásticos para se transformarem em obras de arte. Nesse processo contribuem não só talento, mas também critérios de avaliação de bons materiais e técnicas adequadas, próprios para a tradução da idéia preconcebida pelo artista.

No Brasil, os pincéis da linha Pictore, da marca Tigre, e as tintas das marcas Deco e Acrilex apresentam boa qualidade e são os primeiros resultados de uma iniciativa de se produzir uma tecnologia nacional. Mas as marcas europeias, norte-americanas e japonesas continuam a ser procuradas, apesar dos preços altos, não só por sua excelente qualidade, mas pela enorme gama de opções oferecidas. Entre elas as tintas Talens, Rembrandt, Lefranc, Winsor and Newton, Holbein e Liquitex, sendo que a maioria dos fabricantes de tintas também produz pincéis. Já as telas (armações de madeira e chassis que servem de suporte para o tecido) podem ser compradas prontas, elaboradas pelo próprio artista, ou ainda feitas sob encomenda por pequenos fabricantes.

Artes plásticas

Entre pintores consagrados não há uma regra básica de como trabalhar um material. O que existe são critérios de qualidade e preferências individuais. Para Hermelino Fiaminghi, 68, um dos precursores da tendência de pintura concretista no Brasil, um bom pincel deve ser acabado com cerdas firmes e naturais. "Os pêlos sintéticos não escorregam facilmente pela falta de elasticidade. Já os de pêlos naturais, que podem ser de marta, de porco ou de crina de cavalo, entre outros, são excelentes."

Embora Fiaminghi produza suas próprias tintas, ele acredita que o critério de qualidade é inferido pela natureza dos pigmentos.

O artista plástico Gilberto Salvador, 42, concorda e admite que a maior parte de seu trabalho é desenvolvido com tintas preparadas

por ele a partir de pigmento e resina. "Os pigmentos são difíceis de serem encontrados. No Brasil, a saída é comprar de fabricantes de tintas, diretamente de fornecedores, ou apelar para artesões que desenvolvem o material."

Telas como as da marca Jamelli, encontradas prontas, ou os modelos feitos sob encomenda pelos fabricantes Luiggi Vecchia e Carlos Bolina são aconselhadas por Salvador. "Tanto Vecchia quanto Bolina fazem telas incríveis. Mas é possível fazer as próprias telas. Eu as faço em lona preparada com verniz, acrílico para concreto e cerca de três mãos de tinta branca 100% acrílica. O único entrave é saber preparar o material e isso só se consegue com o tempo." Quanto aos pincéis, Salvador gosta de utilizar os japoneses e chineses em pêlo de coelha.

Wesley Duke Lee, 57, gosta de criar sempre com os mesmos pincéis. "São uns vinte e acabo sempre criando com eles. Tenho outros que foram adquiridos mais pelo prazer de comprar produtos. Fico imaginando o que posso fazer com eles, compro e nunca uso." Segundo ele, há pincéis bons no Brasil. "Os importados não têm preço de pincel. Custam uma verdadeira fortuna. Os novos da Tigre são bons, mas ainda há uma gama muito pequena de modelos".

Apreciador da tinta americana Liquitex, Wesley utiliza também o gesso da marca para criar objetos. Quanto às telas, ele mesmo gosta de prepará-las em lona. "Para mim, a pintura não tem muito mistério sob o

ponto de vista material, pois são quatro pedaços de pau, um pedaço de pano, cores e meia-dúzia de pincéis. Quem não conseguir criar com isto é bom desistir."

Guto Lacaz, 40, já produziu seu próprio material, mas hoje prefere comprá-lo. "Embora tenha adquirido pigmentos para preparar tintas há poucos dias, gosto de ter as coisas prontas. É importante que as tintas tenham qualidade, caso contrário você pode se deparar com uma que não seca." Lacaz utiliza guaches da marca holandesa Talens para suas ilustrações. Nas telas utiliza tinta acrílica e evita pintar com óleo.

"Meu ateliê não tem boa ventilação e a tinta a óleo pode ser tóxica em ambientes fechados, principalmente quando se tem muito contato com o material". As técnicas de pintura são apontadas pelo artista como um meio para se alcançar o resultado procurado. "Se o trabalho tiver que brilhar, o artista pode optar pela tinta a óleo."

A encaústica, uma mistura de cera de abelha, carnaúba e pigmento, dá uma textura mais grossa e é muito usada por Dudi Maia Rosa. A têmpera, utilizada por artistas como Bonadei, Volpi e Fiaminghi, é uma técnica florentina, cuja origem se mistura com a história da pintura, e proporciona uma imagem pura, onde a cor não se altera.

Fiaminghi aprendeu a técnica da têmpera com Volpi e avisa que é um material difícil de se trabalhar. "O efeito da têmpera pode ser exemplificado imaginando-se um pigmento

ampliado ao tamanho de um grão de arroz colocado atrás de um cristal. Através da refração da luz, a cor do pigmento é refletida". A têmpera é preparada por Fiaminghi em sua forma mais pura, com verniz de resina Damar e aguarrás vegetal, ambos misturados com um ovo inteiro, água e óleo de cravo.

Preços

Materiais de pintura podem ser encontrados na Casa do Artista. Os pincéis importados saem por preços que variam de NCz\$ 10,00 a NCz\$ 123,00. Os nacionais da marca Tigre custam de NCz\$ 1,00 a NCz\$ 24,00. As tintas a óleo importadas saem por NCz\$ 7,37 a unidade, enquanto as acrílicas têm preços que variam entre NCz\$ 12,00 e NCz\$ 24,90. As nacionais da marca Acrilex podem ser encontradas com preços que variam de NCz\$ 2,60 a NCz\$ 19,70. As telas Jamelli de 0,30 por 0,40 metro custam NCz\$ 3,00.

A papelaria Michelângelo vende tintas Gato Preto por NCz\$ 1,90 cada e a série profissional da Acrilex tem preços que vão de NCz\$ 5,35 a NCz\$ 26,00. A casa só trabalha com pincéis nacionais da marca Tigre. Um modelo médio com cerdas achatadas custa NCz\$ 3,20 e a tela Jamelli de 0,30 por 0,40 metro sai por NCz\$ 3,05.

ONDE ENCONTRAR

Casa do Artista: av. Brig. Faria Lima, 1.381, tel. 262.0041, Pinheiros, zona oeste de São Paulo.
Carlos Bolina: r. Eng. André de Azevedo Junior, 224, tel. 291.2575, Buzinho, zona norte.
Luiggi Vecchia: r. Joaquim Távora, 979, tel. 571.4216, Vila Mariana, zona sul.
Michelângelo: r. Martins Fontes, 185, tel. 256.2120, zona central.



Em seu ateliê, o artista plástico Wesley Duke Lee tem diversos pincéis que compra só pelo prazer de consumir, mas usa sempre os mesmos 20